

QUALIDADE DA NARRATIVA INFANTIL: UM ESTUDO COM CRIANÇAS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

LOPES, Cristiane de Ávila¹, MIRANDA, Ana Ruth Moresco²

¹Universidade Federal de Pelotas - pedagogacristiane@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas - ramil@ufpel.tche.br

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a produção escrita de crianças em fase de alfabetização formal na escola têm sido foco de muitos pesquisadores, tais como FERREIRO e TEBEROSKY (1985), CAGLIARI (1989), entre outros. Muitos estudiosos, como MARCUSCHI (2000) e SOARES (2004) defendem as práticas de letramento em sala de aula e a oferta de diferentes tipos de textos às crianças desde o início do processo de alfabetização, pois, segundo eles, o contato precoce com as práticas sociais de leitura e escrita envolvendo diferentes tipos de textos poderá alavancar o processo de produção textual dos aprendizes.

Contudo, o reconhecimento das restrições próprias de cada tipo de texto não parece ser garantia de produção de bons textos. Segundo Landsmann (1995), crianças das primeiras etapas de escolarização podem reconhecer e produzir diferentes tipos de textos, mas isso não implica na qualidade dos mesmos. De acordo com a autora, a qualidade de um texto vai além de uma história com início, meio e fim, mas de uma relação especial que existe entre o dizer e o dito, a contraposição entre a presença e a ausência do narrador, as motivações das ações dos personagens e a interpretação dos acontecimentos da narrativa. Além destas características fundamentais para uma boa produção, a autora ainda sugere que, para poder avançar além da diferenciação, é necessário aprofundar os processos de produção textual, o que requer bem mais que o contato precoce com diferentes textos, mas a interação e o trabalho explícito com estes, de forma a transformar o conhecimento.

A presente pesquisa, de caráter qualitativo, tem por objetivo descrever, analisar e comparar as características da narrativa textual, conforme definidas por Landsmann (1995), de dois grupos de crianças que frequentaram a primeira série do ensino fundamental de uma escola pública e outra particular, denominados grupo A (GA) e grupo B (GB), respectivamente.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para este trabalho, foram analisados dez textos que fazem parte do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE – FaE/UFPel) vinculado ao Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE) da Universidade Federal de Pelotas.

Os textos foram escritos por crianças que frequentaram a primeira série do ensino fundamental de duas escolas de Pelotas, uma da rede pública municipal (GA) e outra da rede particular de ensino (GB), nos anos letivos de 2001 e 2002. A proposta para a produção das narrativas deu-se a partir do texto “O tricô” de Eva Furnari (1948) o qual é composto apenas por imagens que, na sequência, contam a história de uma bruxinha que tricota um blusão para seu gato. A opção por se comparar dados de aprendizes da rede pública e da particular de ensino

deve-se a premissa de que crianças que provêm de instituições particulares, de modo geral, estão inseridas em uma realidade propícia ao letramento desde muito cedo, o que seria um dos pré-requisitos a qualidade da narrativa infantil (LANDSMANN, 1995).

A escolha dos textos analisados deu-se de forma aleatória. A pesquisadora selecionou cinco textos de crianças da escola pública (GA) e cinco da escola particular (GB), observando apenas o tipo de oficina utilizada, para que todas as narrativas tivessem sido produzidas a partir de um mesmo estímulo. Após escolha, as narrativas foram submetidas à análise qualitativa conforme as categorias propostas por LANDSMANN (1995), a saber: a relação existente entre o dizer e o dito, a dualidade presença e ausência do narrador no texto, as motivações das ações dos personagens e a interpretação dos acontecimentos da narrativa.

Por fim, fez-se a comparação das produções pertencentes aos dois grupos a fim de verificar a ocorrência (ou não) de uma maior qualidade da narrativa em um ou outro grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De modo geral, os textos de ambos os grupos apresentaram narrativas correspondentes às imagens propostas, demonstrando correlação aos fatos narrados pelo texto-fonte.

As crianças do GA, contudo, demonstraram preocupação apenas com a escrita do início, meio e fim da história, e não se detiveram à descrição dos personagens, de seus estados psicológicos ou ainda não revelaram motivações dos atos da personagem-protagonista. Em contrapartida, os textos do GB, além da estrutura básica da narrativa (início, meio e fim), trazem em seus textos informações adicionais tais como o nome dos personagens da história (o que não ocorreu no primeiro grupo) e, na maioria dos casos, detalhes acerca da motivação para as ações dos personagens. Nos excertos apresentados em (1) e (2), os quais correspondem as grafias originais das crianças, tem-se o exemplo do que recém foi mencionado:

(1) Nome da história o trico¹

Éra umaves uma bruxa que ela tava fazendotricoparaumgato
Um brusão para ogato só que o brusão não cervi ficou guende nogato
E abruxa deu um no nas manga do brasos
So que ficou guremde e com cabesão e o brusão e o brusão cervio

(2) O tricô²

Era uma vez uma bruxa que se chamava Morgana ela adorava
Fazer tricô e um dia resolveu fazer um blusão para seu gato
Em quanto isso o gato imaginava como iria ficar com o blusão
Então quando ela terminou o gato estava ansioso para isprimentar
O blusão mas quando ele isprimentou não
gostou nadaporque ficou meio grande
então a bruxinha resolveu pegar sua varinha para fazer o gato
ficar maior e quando ela terminou o feitiço ele ficou
enorme ela axou muito ingrasado então riu tanto que

¹ Exemplo de texto de criança do GA.

² Exemplo de texto de criança do GB.

nunca mais brigou com o gato e viveu feliz para sempre.

Em se comparando os textos dos dois grupos, foi possível perceber que, nas narrações produzidas pelas crianças da escola pública, ao contrário da maioria dos textos provenientes da rede particular, os fatos foram enunciados tal como ocorriam na sequência de imagens, sem retrocessos nem antecipações, o que de acordo com Landsmann (1995), é uma das características que contribui para a pobreza dos relatos.

Com relação à dualidade presença/ausência do narrador no texto, pode-se perceber que a maioria dos aprendizes dos dois grupos demonstraram dificuldades quanto a este aspecto. De acordo com a autora, os fatos de um texto deveriam falar por si próprios, para que o leitor tenha noção real do exposto. Contudo, não aparecem nos textos construções que contextualizem espacialmente o relato e tampouco indicações sobre características físicas ou de caráter dos personagens.

Em se tratando dos acontecimentos e sua interpretação, as crianças do GA preocuparam-se em relatar aquilo que interpretaram a partir das gravuras, sem invenções para a história, verificando-se apenas uma ocorrência de modificação do relato, como mostra o dado em (3):

(3) O Trocô

Era uma vês que tia uma braha-que
Fasia-feithso feziatrico
Para u gato. E a bruha mauvada fes feithso no radio

Já no GB, todas as crianças inventaram nomes para os personagens, algumas inventaram o que seria a continuidade para a narrativa (que não constava nas imagens) e uma delas arriscou-se a supor o motivo que levaria a bruxa a tricotar um blusão para seu gato, não se detendo ao relato do que poderia ser apenas o tricotar de um blusão.

Um fato interessante, ocorrido em todos os textos deste segundo grupo, foi que, além dos personagens ganharem nomes, eles estavam relacionados a personagens presentes em livros infantis (como no caso do nome “bruxa Onilda”, referente à personagem de Roger Capdevilla, que também é uma bruxinha), em filmes de bruxinhas (como “bruxa Keka”, personagem interpretada por Xuxa em um de seus programas ou “bruxa Morgana”, personagem do filme “Castelo Ratin-bum”, da Globo Filmes). O mesmo ocorre com o nome do gato presente nas narrativas: além dos nomes triviais atribuídos comumente a esses animais (como Mimi e Miau, por exemplo), uma das crianças nomeou o gato de sua história com o nome “Mingau”, nome dado ao famoso gato da personagem Magali, idealizada pelo cartunista Maurício de Souza. Estes fatos contribuem para reforçar a idéia da importância do conhecimento de mundo e do letramento para a produção escrita, uma vez que, justamente os textos que demonstraram mais características próprias à qualidade da narrativa, foram aqueles da rede particular de ensino, cujo público é de crianças que, de maneira geral, vivenciam mais a leitura e estão expostas à contação de histórias, seja por pais, cuidadores e/ou professores.

Por fim, com relação às ações dos personagens e suas motivações, pôde-se observar nos textos do GB que as crianças utilizaram de subjetividade em

diversos momentos da narrativa, ao contrário do que ocorreu no GA. Nos relatos, as crianças apresentaram ao leitor o estado emocional da bruxa e do gato, explicitando sentimentos de amizade, felicidade, angústia, desejo, satisfação, entre outros. De acordo com Landsmann (1995), que confere ao subjetivismo uma das premissas para a qualidade dos textos narrativos, a explicitação do que os personagens sentem, pensam e opinam pode estar relacionado à experiência leitora e/ou atividades específicas nas quais a criança possa expor seus sentimentos e opiniões. Dados deste tipo podem contribuir para o debate sobre a importância do trabalho com leitura e escrita em sala de aula, mesmo com as crianças que estão iniciando a alfabetização formal.

4. CONCLUSÕES

Com este estudo, buscaram-se evidências à hipótese de que as práticas sociais de leitura e escrita aliadas ao conhecimento dos mais variados tipos de textos podem estar relacionados à produção de narrativas de melhor qualidade, como pôde ser evidenciado nos textos das crianças do GB.

Nesse sentido, os dados obtidos reforçam a idéia de que a interação precoce com diferentes tipos de textos, a inserção em um mundo letrado, a audiência de histórias e a oferta de oportunidades em que a criança possa emitir sentimentos, opiniões ou sugestões podem ser facilitadores de um processo de produções de narrativas de qualidade, mesmo no início da alfabetização formal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1989. 247p.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FURNARI, E. **O amigo da Bruxinha**. São Paulo: Moderna, 1994.

LANDSMANN, L. T. **Aprendizagem da Linguagem Escrita**. São Paulo: Ática, 1995.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In DIONÍSIO, Â. Et al. *Gêneros Textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três Gêneros**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.